DECLARAÇÃO CONFESSIONAL

Fé, Comunidade e Compromisso

DECLARAÇÃO CONFESSIONAL DA COMUNIDADE MANIFESTO

Bem-vindo à Comunidade Manifesto!
Este material foi produzido para apresentar nossa fé, valores e práticas a você que está considerando se juntar a nós nesta jornada de fé.

Este documento serve como um guia para entender nossas crenças fundamentais, práticas e expectativas para os membros da nossa comunidade. **Ele não substitui a Bíblia**, mas reflete nossa compreensão coletiva das Escrituras.

ÍNDICE

CAPITULO I
Breve história da Comunidade Manifesto 8

CAPITULO II
Fundamentos da fé 11

CAPITULO III
Visão teológica para o Ministério 20

CAPITULO IV
Governança e Estrutura da Igreja 34

CAPITULO V
Vida Cristã 37

CAPITULO VI
Dizimos e Ofertas:
Generosidade como princípio da vida Cristã 48

CAPITULO VII
Compromisso e próximos passos 52

CAPITULO VIII
Conclusão 55

APÊNDICE A
Nossa visão Escatológica 57

APÊNDICE B
Pacto de Membresia 60

CAPITULO I

Breve história da Comunidade Manifesto

Breve história da Comunidade Manifesto

Fundada em Abril de 2019, no bairro de Guadalupe, Rio de Janeiro, a Comunidade Manifesto nasceu do desejo de estabelecer uma igreja centrada no Evangelho, comprometida com a verdade bíblica e engajada na comunidade local.

Somos uma igreja inteiramente compromissada com a verdade das Escrituras, buscando aplicá-la de maneira radical na construção dos relacionamentos e nas mais variadas áreas de nossas vidas. Nosso nome revela o desejo que temos de ser uma declaração pública da vida de Jesus, manifestando a fragrância do seu conhecimento em todos os lugares.

"*Nossa verdadeira relevância para os propósitos de Deus está relacionada ao aroma de seu conhecimento sendo **manifesto** por nós em todo lugar.*" - **Art Katz**

O Significado de Manifesto

*"Graças, porém, a Deus, que, em Cristo, sempre nos conduz em triunfo e, por meio de nós, **manifesta** a fragrância do seu conhecimento em todos os lugares."* - **2 Coríntios 2:14 [NAA]**

ETIM lat. manifēstus (arc. manufēstus) ,a,um 'palpável, evidente'

ma-ni-fes-to

φανεροω phaneroo

tornar manifesto ou visível ou conhecido o que estava escondido ou era desconhecido, manifestar, seja por palavras, ou ações, ou de qualquer outro modo

1a) tornar atual e visível, perceptível
1b) tornar conhecido pelo ensino
1c) tornar manifesto, ser feito conhecido
1e) tornar-se conhecido, ser claramente identificado, totalmente entendido 1e1) quem e o que alguém é

Adjetivo
Que não pode ser contestado, oculto ou dissimulado; claro, evidente, flagrante, inegável, notório, patente.
que pode ser percebido, que se revela por evidências, sintomas etc.

CAPITULO II

Fundamentos da fé

Declaração Confessional (TGC - Coalizão Pelo Evangelho)

O Deus Trino

Cremos em um só Deus, eternamente existindo em três pessoas igualmente divinas: Pai, Filho e Espírito Santo, que conhecem, amam e glorificam um ao outro. Este único Deus verdadeiro e vivo é infinitamente perfeito tanto em seu amor quanto em sua santidade. Ele é o criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis, e é, portanto, digno de receber toda a glória e adoração. Imortal e eterno, ele conhece perfeita e exaustivamente o fim desde o princípio, sustenta e governa soberanamente sobre todas as coisas e, em sua providência, acarreta seus bons propósitos eternos de redimir para si um povo e restaurar a sua criação caída, para o louvor de sua gloriosa graça.

Revelação

Deus graciosamente revelou a sua existência e poder na ordem criada, e tem se revelado de maneira suprema aos seres humanos caídos na pessoa de seu Filho, o verbo encarnado. Além do mais, este Deus é um Deus que fala, que por seu Espírito graciosamente se revelou em palavras humanas: cremos que Deus inspirou as palavras preservadas nas Escrituras, os sessenta e seis livros do Antigo e do Novo Testamento, os quais documentam e são também meio de sua obra salvadora no mundo. Estes escritos somente constituem a Palavra de Deus verbalmente inspirada, a qual, nos escritos originais, possui autoridade suprema e está isenta de erro e é também completa na revelação de sua vontade para a salvação, suficiente para tudo o que Deus requer que creiamos e façamos e final em sua autoridade sobre todo o domínio do conhecimento que exprime. Confessamos que tanto nossa finitude quanto nossa pecaminosidade impedem a possibilidade de conhecer exaustivamente a verdade de Deus, mas afirmamos que, iluminados pelo Espírito

de Deus, podemos conhecer verdadeiramente a verdade revelada de Deus. A Bíblia deve ser crida, como a instrução de Deus, em tudo o que ela ensina; obedecida, como mandamentos de Deus, em tudo o que requer; e confiada, como penhor de Deus, em tudo o que promete. À medida que o povo de Deus ouve, crê e obedece à Palavra, ele é equipado como discípulos de Cristo e testemunhas ao evangelho.

Criação da humanidade

Cremos que Deus criou os seres humanos, macho e fêmea, à sua própria imagem. Adão e Eva pertenciam à ordem criada que o próprio Deus declarou ser muito boa, servindo como agentes de Deus cuidando, gerenciando e governando sobre a criação, vivendo em santa e dedicada comunhão com seu Criador. Homens e mulheres, igualmente criados à imagem de Deus, gozam igual acesso a Deus pela fé em Cristo Jesus e são chamados, ambos, a se moverem além da autoindulgência passiva para um envolvimento significante privado e público na família, igreja e vida cívica. Adão e Eva foram feitos para complementar um ao outro em uma união de uma só carne, que estabelece o único padrão normativo de relações sexuais para homens e mulheres, de forma que o casamento sirva como um tipo da união entre Cristo e sua igreja. Nos sábios propósitos de Deus, homens e mulheres não são simplesmente intercambiáveis, mas sim, eles se complementam de formas mutuamente enriquecedoras. Deus ordena que eles assumam papéis distintos que refletem o relacionamento de amor entre Cristo e a igreja, o marido exercendo papel de cabeça, de maneira a demonstrar o amor carinhoso e sacrificial de Cristo e a esposa se submetendo ao seu esposo, de maneira a mostrar o amor da igreja por seu Senhor. No ministério da igreja, ambos, homens e mulheres, são encorajados a servir a Cristo e a desenvolver todo seu pleno potencial nos múltiplos ministérios do povo de Deus. O papel distinto de liderança dentro da igreja, que é dado a homens qualificados, é fundamentado na criação, queda e redenção, não devendo ser desviado por apelos a desenvolvimentos culturais.

A Queda

Cremos que Adão, feito à imagem de Deus, distorceu essa imagem e perdeu a sua bendição original — para si e toda sua descendência — ao cair em pecado pela tentação de Satanás. Como resultado, todos os seres humanos estão alienados de Deus, corrompidos em todo aspecto de seu ser (isto é, fisicamente, mentalmente, volitivamente, emocionalmente, espiritualmente) e condenados, final e irrevogavelmente, à morte — a não ser pela intervenção graciosa do próprio Deus. A necessidade suprema de todo ser humano é ser reconciliado ao Deus sob cuja justa e santa ira nos encontramos; a única esperança de todo ser humano está no amor imerecido deste mesmo Deus, o qual unicamente pode nos resgatar e restaurar para si.

O Plano de Deus

Cremos que desde toda a eternidade Deus determinou, em sua graça, salvar uma grande multidão de pecadores culpados, vindos de toda tribo, língua e nações, e com este fim os conheceu e escolheu. Cremos que Deus justifica e santifica aqueles que, por sua graça, têm fé em Jesus, e que um dia ele os glorificará — tudo para o louvor de sua gloriosa graça. Em amor, Deus ordena e suplica que todas as pessoas se arrependam e creiam, tendo posto esse amor salvífico sobre aqueles que escolheu e tendo ordenado a Cristo como redentor deles.

O Evangelho

Cremos ser o evangelho as boas novas de Jesus Cristo — a própria sabedoria de Deus. Completa loucura para o mundo, ainda que seja o poder de Deus para aqueles que estão sendo salvos, essas boas novas são cristológicas, centradas na cruz e na ressurreição: o evangelho não é proclamado se Cristo não for proclamado, e o Cristo autêntico não terá sido proclamado se sua morte e ressurreição não forem centrais (a mensagem

é: "Cristo morreu pelos nossos pecados... e ressuscitou"). Essa boa nova é bíblica (sua morte e ressurreição são de acordo com as Escrituras), teológica e salvífica (Cristo morreu pelos nossos pecados para nos reconciliar com Deus), histórica (se os eventos salvadores não tivessem acontecido, nossa fé seria vã, ainda estaríamos em nossos pecados e seríamos, de todos os homens, os mais dignos de compaixão), apostólica (a mensagem foi confiada aos apóstolos e transmitida por eles que eram testemunhas desses eventos salvíficos) e intensamente pessoal (quando ela é recebida, crida e firmemente retida, pessoas são individualmente salvas).

A Redenção de Cristo

Cremos que, movido pelo amor e em obediência ao Pai, o Filho eterno tornou-se humano: o Verbo se encarnou, plenamente Deus e plenamente ser humano, uma Pessoa em duas naturezas. O homem Jesus, o Messias prometido de Israel, foi concebido pela milagrosa atuação do Espírito Santo e nasceu da virgem Maria. Ele obedeceu perfeitamente ao seu Pai celestial, viveu uma vida sem pecado, realizou sinais e milagres, foi crucificado sob Pôncio Pilatos, ressuscitou corporalmente da morte ao terceiro dia e ascendeu ao céu. Como Rei mediador, ele está assentado à destra de Deus Pai, exercendo no céu e na terra toda a soberania de Deus, e é nosso Sumo Sacerdote e justo Advogado. Cremos que por sua encarnação, vida, morte, ressurreição e ascensão, Jesus Cristo agiu como nosso representante e substituto. Ele o fez para que nele fôssemos feitos justiça de Deus: na cruz ele cancelou o pecado, propiciou a Deus, e, carregando toda a penalidade de nossos pecados, reconciliou com Deus todos os que creem. Por sua ressurreição, Cristo Jesus foi vindicado por seu Pai, quebrou o poder da morte e venceu Satanás, que anteriormente tinha poder sobre ela, e trouxe vida eterna a todo seu povo; por sua ascensão, ele foi para sempre exaltado como Senhor e nos preparou um lugar para estarmos junto dele. Cremos que a salvação está em nenhum outro, porque não há nenhum outro nome dado debaixo do céu pelo qual

sejamos salvos. Porque Deus escolheu as coisas humildes deste mundo, as desprezadas, as coisas que não são, para anular as coisas que são, nenhum ser humano poderá se vangloriar diante dele — Cristo Jesus tornou-se para nós sabedoria de Deus, ou seja, nossa justiça, retidão, santidade e redenção.

A Justificação de Pecadores

Cremos que Cristo, por sua obediência e morte, pagou plenamente a dívida de todos aqueles que são por ele justificados. Pelo seu sacrifício, ele carregou em nosso lugar o castigo que era devido por nossos pecados, satisfazendo própria, real e plenamente a justiça de Deus por nós. Por sua perfeita obediência, ele satisfez as justas exigências de Deus em nosso favor, uma vez que pela fé somente essa perfeita obediência é creditada a todos os que confiam somente em Cristo para sua aceitação diante de Deus. Como, livremente e não por alguma coisa que houvesse em nós, Cristo foi dado em nosso favor pelo Pai e sua obediência e castigo foram aceitos no lugar da nossa obediência e castigo, esta justificação é somente pela livre graça, a fim de que tanto a exata justiça quanto a rica graça de Deus sejam glorificadas na justificação dos pecadores. Cremos que um zelo por obediência pessoal e pública flui dessa livre justificação.

O Poder do Espírito Santo

Cremos que esta salvação, atestada em toda a Escritura e assegurada por Jesus Cristo, é aplicada ao seu povo pelo Espírito Santo. Enviado pelo Pai e pelo Filho, o Espírito Santo glorifica o Senhor Jesus Cristo, e, como outro paracleto, está presente em e com aqueles que creem. Ele convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo e, por sua obra poderosa e misteriosa, regenera pecadores espiritualmente mortos, despertando-os para o arrependimento e a fé e nele são batizados em união com o Senhor Jesus, de modo tal que são justificados diante de Deus pela graça somente, pela fé somente, em Jesus Cristo somente. Pela agência do Espírito, os crentes são renovados, santificados

e adotados na família de Deus, participam da natureza divina e recebem os seus dons que são soberanamente distribuídos. O próprio Espírito Santo é o penhor da herança prometida e, nesta presente era, habita, dirige, guia, instrui, equipa, renova e capacita os crentes para viverem e servirem como Cristo.

O Reino de Deus

Cremos que aqueles que foram salvos pela graça de Deus mediante a união com Cristo, pela fé e pela regeneração do Espírito Santo, entram no reino de Deus e desfrutam das bênçãos da nova aliança: o perdão dos pecados, a transformação interior que desperta um desejo por glorificar, confiar e obedecer a Deus, e o prospecto da glória que ainda será revelada. As boas obras constituem evidência indispensável da graça salvadora. Vivendo como sal em um mundo que se deteriora e luz em um mundo escuro, os crentes jamais deverão se afastar em reclusão do mundo nem se tornar indistinguíveis dele; pelo contrário, devemos fazer o bem à cidade, para que a glória e honra das nações sejam oferecidas ao Deus vivo. Em reconhecimento a quem pertence esta ordem criada e porque somos cidadãos do reino de Deus, devemos amar nosso próximo como amamos a nós mesmos, fazendo o bem a todos, especialmente aos que pertencem à família de Deus. O reino de Deus, já presente, mas ainda não plenamente realizado, é o exercício da soberania de Deus no mundo em direção à eventual redenção de toda a criação. O reino de Deus é um poder invasivo que despoja o tenebroso reino de Satanás e regenera e renova, mediante arrependimento e fé, a vida dos indivíduos resgatados daquele reino. Portanto, ele inevitavelmente estabelece uma nova comunidade de seres humanos que estão juntos debaixo de Deus.

O novo povo de Deus

Cremos que o povo da nova aliança de Deus já veio à Jerusalém celestial; já está assentado com Cristo nos lugares celestiais. Essa igreja universal se manifesta em igrejas locais das quais

Cristo é a única cabeça; assim, cada "igreja local" é, de fato, a igreja, a casa de Deus, assembleia do Deus vivo, coluna e fundamento da verdade. A igreja é o corpo de Cristo, a menina dos seus olhos, está gravada em suas mãos e ele se comprometeu a ela para sempre. A igreja é distinguida por sua mensagem do evangelho, suas sagradas ordenanças, sua disciplina, sua grande missão e, acima de tudo, por seu amor a Deus e pelo amor de seus membros uns pelos outros e pelo mundo. De modo crucial, esse evangelho que amamos possui dimensões pessoais e também corporativas, sendo que nenhuma delas deve ser ignorada. Cristo Jesus é nossa paz: ele não somente trouxe paz com Deus, como também paz entre povos antes alienados. Seu propósito era criar em si uma nova humanidade, fazendo a paz, e reconciliar ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade. A igreja serve de sinal do futuro novo mundo de Deus, quando seus membros vivem em serviço uns pelos outros e pelo próximo, em vez de viverem focados em si mesmos. A igreja é a habitação corporativa do Espírito de Deus e a testemunha contínua de Deus no mundo.

Batismo e Ceia do Senhor

Cremos que o batismo e a Ceia do Senhor são ordenados pelo próprio Senhor Jesus. O primeiro está ligado à entrada na comunidade da nova aliança e o segundo, à renovação contínua da aliança. Juntos são simultaneamente o penhor de Deus a nós, meios de graça divinamente ordenados, nosso voto público de submissão ao Cristo uma vez crucificado e agora ressurreto e a antecipação de sua volta e da consumação de todas as coisas.

A Restauração de todas as coisas

Cremos na volta pessoal, gloriosa e corporal de nosso Senhor Jesus Cristo com seus santos anjos, quando ele exercerá seu papel final de Juiz e seu reino será consumado. Cremos na ressurreição do corpo de ambos, justos e injustos — os injustos para o juízo e castigo eterno e consciente no inferno, como

ensinou o próprio Senhor, e os justos para a bendição eterna na presença daquele que está assentado no trono e do Cordeiro, em novo céu e nova terra, habitação de justiça. Naquele dia, a igreja será apresentada sem mácula diante de Deus pela obediência, sofrimento e triunfo de Cristo, todo pecado será purgado e, seus efeitos nefastos, banidos para sempre. Deus será tudo em todos e seu povo será envolvido por sua imediata e inefável santidade, e tudo será para o louvor de sua gloriosa graça.

COALIZAÇÃO PELO EVANGELHO. Documentos fundacionais. [S. l.], 2023. Disponível em: https://coalizaopeloevangelho.org/sobre/documentos-fundacionais/. Acesso em: 25 set. 2024.

CAPITULO III

Visão teológica para o Ministério.

I – COMO RESPONDER À CRISE CULTURAL DA VERDADE?

(A questão epistemológica)

Por diversos séculos, desde o alvorecer do Iluminismo, era crido que a verdade — expressa em palavras que correspondem substancialmente à realidade — na verdade existe e pode ser conhecida. Sem ajuda, pensava-se, que a razão humana é capaz de conhecer a verdade de maneira objetiva. Mais recentemente, a pós-modernidade tem criticado este conjunto de pressupostos, contendendo que não somos de fato objetivos em nossa busca do conhecimento, mas interpretamos a informação por meio de nossas experiências pessoais, interesses próprios, emoções, preconceitos culturais, limitações da linguagem, e comunidades relacionais. A reivindicação de objetividade é arrogante, diz a pós-modernidade, e inevitavelmente leva a conflitos entre as comunidades de opiniões diferentes quanto aonde se encontra a verdade. Tal arrogância, dizem, explica em parte, muitas das injustiças e guerras da era moderna. No entanto, a resposta da pós-modernidade é, de outra forma, perigosa: as suas vozes mais estridentes insistem que as afirmativas de verdade objetiva devem ser substituídas por um pluralismo subjetivo, mais humildemente "tolerante" e inclusivamente diverso — pluralismo este muitas vezes atolado no pântano que não permite chão firme para a "fé uma vez confiada aos santos". Tal posição não tem lugar para uma verdade que corresponda à realidade, mas é apenas uma exibição de verdades subjetivamente formadas. Como, então, responder a esta crise cultural da verdade?

1. Afirmamos que a verdade é correspondente à realidade. Cremos que o Espírito Santo, que inspirou as palavras dos apóstolos e profetas também habita em nós, de maneira que os que foram feitos à semelhança da imagem de Deus podem receber e entender as palavras da Escritura reveladas por Deus, e compreender que as verdades da Escritura correspondem à realidade. As declarações da Escritura são verdadeiras, preci-

samente porque são declaradas por Deus, e elas correspondem à realidade, ainda que nosso conhecimento dessas verdades (e até mesmo nossa capacidade de verificá-las para os outros) é sempre e necessariamente incompleto. A crença do Iluminismo de que houvesse um conhecimento totalmente objetivo fez um ídolo da razão humana não auxiliada. Porém, negar a possibilidade do conhecimento puramente objetivo não significa a perda da verdade que corresponde à realidade objetiva, ainda que nunca consigamos conhecer essa verdade sem um elemento de subjetividade. Ver DC–(2).

2. Afirmamos que a verdade é transmitida pela Escritura. Cremos que a Escritura é penetrantemente proposicional e que todas as declarações da Escritura são completamente verdadeiras e autoritativas. Mas a verdade da Escritura não poderá ser exaurida em uma série de proposições. Ela existe nos diversos gêneros e narrativa, metáfora e poesia, que não são destiláveis exaustivamente em proposições doutrinárias, contudo elas transmitem a vontade e a mente de Deus a nós de modo a nos transformar a sua semelhança.

3. Afirmamos que a verdade é a correspondência da vida a Deus. Verdade não é apenas uma correspondência teórica como também um relacionamento pactual. A revelação bíblica não deve ser apenas conhecida, como também vivida (Deuteronômio 29.29). O propósito da Bíblia é produzir em nós a sabedoria — uma vida inteiramente submissa à realidade de Deus. Portanto, a verdade é correspondência entre toda nossa vida e o coração, as palavras e os atos de Deus, pela mediação da Palavra e do Espírito. Eliminar a natureza proposicional da verdade bíblica enfraquece seriamente nossa capacidade de portar, defender, e explicar o evangelho. Porém, falar da verdade como sendo apenas proposições enfraquece a apreciação do Filho encarnado como o Caminho, a Verdade, e a Vida, e o poder comunicativo da história narrada, bem como a importância da verdade vivida de maneira verdadeira, em correspondência a Deus.

4. Como esta visão da verdade nos molda:

Adotamos uma "disciplinada" teoria de correspondência da verdade que é menos triunfalista que em alguns dos círculos evangélicos mais antigos. Mas também rejeitamos uma visão da verdade que a enxergue como nada mais que uma linguagem internamente coerente de uma fé-comunidade específica. Assim, mantemos, com aquilo que esperamos seja humildade apropriada, o princípio de sola Scriptura.

Embora a verdade seja proposicional, não é algo apenas para ser crida, como também recebida em adoração e praticada em sabedoria. Tal equilíbrio forma nosso entendimento do discipulado e da pregação. Queremos encorajar uma paixão pela sã doutrina, mas sabemos que o crescimento cristão não é simples transferência de informação cognitiva. Crescimento cristão ocorre somente quando toda a vida é moldada pela prática cristã em comunidade — incluindo oração, Batismo, a Ceia do Senhor, comunhão entre irmãos e o ministério público da Palavra.

Nosso conhecimento teórico da verdade de Deus é apenas parcial mesmo quando acertado, mas podemos ter certeza de que aquilo que a Palavra diz é verdade (Lucas 1.4). É mediante o poder do Espírito Santo que recebemos as palavras do evangelho em plena segurança e convicção (1Tessalonicenses 1.5).

II- COMO DEVEMOS LER A BÍBLIA ?

(a questão hermenêutica)

1. Lendo "ao longo" de toda a Bíblia. Ler ao longo de toda a Bíblia é discernir o único enredo básico da Bíblia como a história da redenção de Deus (por exemplo, Lucas 24.44) como também os temas da Bíblia (ou seja, aliança, reino, templo) que perpassam todos os estágios da história e toda parte do cânone, tendo Jesus Cristo como clímax. Nesta perspectiva, o evangelho aparece como criação, queda, redenção, restauração. Ele ressalta o propósito da salvação, ou seja, uma criação renovada. Conforme confessamos em DC–(1), [Deus] providencialmente realiza seu eterno bom propósito de redimir um povo para si e

restaurar sua criação caída, para o louvor de sua gloriosa graça.

2. Lendo "através" de toda a Bíblia. Ler através de toda a Bíblia é coligir suas declarações, convocações, promessas e reinvindicações de verdade em categorias de pensamento (ou seja, teologia, cristologia, escatologia) e chegar a um entendimento coerente do que ela ensina resumidamente (por exemplo, Lucas 24.46-37). Desta perspectiva, o evangelho aparece como Deus, pecado, Cristo, fé. Ressalta o meio da salvação, ou seja, a obra substitutiva de Cristo é nossa responsabilidade de recebê-la pela fé. Como confessarmos, na DC– (7), Jesus Cristo agiu como nosso representante e substituto, para que nele nos tornássemos justiça de Deus.

3. Como esta leitura da Bíblia nos molda:

Muitos, hoje em dia, (mas nem todos) que se especializam nos primeiros desses modos de leitura da Bíblia — ou seja, ler ao longo de toda a Bíblia — concentram-se nos aspectos mais corporativos do pecado e da salvação. A cruz é vista principalmente como exemplo de serviço sacrificial e vitória sobre os poderes do mundo em vez de substituição e propiciação por nossos pecados. Ironicamente, tal abordagem pode ser muito legalista. Em vez de chamar as pessoas à conversão individual por meio de uma mensagem de graça, as pessoas são chamadas para se unir à comunidade cristã e ao programa do reino daquilo que Deus está fazendo para libertar o mundo. A ênfase está no cristianismo como estilo de vida, perdendo de vista o status de que fomos comprados com sangue em Cristo, recebidos por meio de nossa fé pessoal. Nesse desequilíbrio, existe pouca ênfase em vigoroso evangelismo e apologética, na pregação expositiva, e nas marcas e importância da conversão/novo nascimento.

Por outro lado, o evangelicalismo mais antigo (se bem que não todo ele) tendia a ler através da Bíblia. O resultado era que essa leitura era mais individualista, centrada quase completamente na conversão pessoal e uma passagem segura para o céu. Também, sua pregação, ainda que expositiva, às vezes era moralista e não enfatizava como todos os temas bíblicos têm seu

clímax em Cristo e sua obra. Nesse desequilíbrio, há pouca ou nenhuma ênfase na importância das obras de justiça e misericórdia em favor dos pobres e oprimidos, e sobre a produção cultural que glorifique a Deus nas artes, empresas, etc.

Não cremos que na melhor prática essas duas formas de se ler a Bíblia sejam contraditórias, ainda que hoje em dia, muitos lancem uma contra a outra. Pelo contrário, cremos que as duas, em seu melhor, sejam integrais para a apreensão do significado do evangelho bíblico. O evangelho é a declaração de que mediante a morte e ressurreição de Jesus Cristo, Deus reconcilia os indivíduos por sua graça e renova o mundo inteiro por meio de e para a sua glória.

III. COMO NOS RELACIONARMOS À CULTURA AO NOSSO REDOR?

(A questão de contextualização)

1. Sendo uma contracultura. Queremos ser uma igreja que não apenas dê suporte a cristãos como indivíduos em sua caminhada pessoal com Deus, mas também uma igreja que os molda na sociedade humana alternativa que Deus cria por meio de sua Palavra e seu Espírito. (Ver abaixo, ponto V.3.)

2. Para o bem comum. Não basta a igreja contrapor os valores da cultura dominante. Temos de ser uma contracultura para o bem comum. Queremos ser radicalmente diferentes da cultura ao nosso redor e ainda assim, a partir dessa identidade distinta, devemos servir sacrificialmente ao próximo e até mesmo aos inimigos, trabalhando para o florescimento dos povos, tanto aqui e agora quanto na eternidade. Portanto, nós não vemos nossos cultos corporativos como o principal ponto de conexão com os que estão do lado de fora. Pelo contrário, esperamos vir ao encontro de nossos vizinhos enquanto trabalhamos em prol da paz, segurança e bem-estar do próximo, amando-o em palavras e obras. Se assim fizermos, estaremos sendo “sal” e “luz” no mundo (sustentando e melhorando as condições de vida,

mostrando ao mundo a glória de Deus por meio de nosso estilo de vida; Mateus 5.13-16). Assim como os exilados judeus eram chamados a amar e trabalhar pelo shalom da Babilônia (Jeremias 29.7), também os cristãos são povo de Deus "no exílio" (1Pedro 1.1; Tiago 1.1). Os cidadãos da cidade de Deus devem ser os melhores cidadãos possíveis da sua cidade terrena (Jeremias 29.4-7). Não somos exageradamente otimistas nem pessimistas quanto à nossa influência cultural, pois conhecemos que, ao andar nos passos daquele que entregou sua vida por seus oponentes, receberemos perseguição até mesmo enquanto estivermos exercendo impacto social (1Pedro 2.12).

3. Como este relacionamento com a cultura nos forma:

Cremos que toda expressão do cristianismo seja necessária e corretamente contextualizada, até certo grau, em relação a uma cultura humana especifica; não existe uma expressão a-histórica universal do cristianismo. Mas jamais queremos ser de tal forma afetados por nossa cultura que comprometamos as verdades do evangelho. Como então manter o equilíbrio?

A resposta e que não se pode "contextualizar" o evangelho de forma abstrata, como um experimento do pensamento. Se uma igreja procura ser contracultura para o bem temporal e eterno das pessoas, ela se guardara tanto contra o legalismo que pode acompanhar a retração cultural indevida quanto o comprometimento que vem com o excesso de adaptação. Se buscamos serviço em vez de poder, poderemos exercer um impacto cultural significativo. Mas se procuramos poder e controle social direto, ironicamente, estaremos sendo assimilados nas próprias idolatrias de riqueza, status, e poder que propusemos mudar.

O próprio evangelho tem a chave para uma contextualização apropriada. Se exagerarmos na contextualização, isso sugere que estamos buscando demais a aprovação da cultura receptora. Isso demonstra uma falta de confiança no evangelho. Se sub-contextualizamos, isso sugere que estamos buscando demais a pompa de nossa própria sub-cultura. Isso demonstra falta de humildade evangélica e uma falta de amor ao próximo.

IV – NO QUE O EVANGELHO É SINGULAR?

Este evangelho enche os cristãos de humildade e esperança, mansidão e coragem, de forma singular. O evangelho bíblico difere marcadamente das religiões tradicionais bem como do secularismo. As religiões operam sob o princípio: "Obedeço, portanto, sou aceito", mas o princípio do evangelho é: "Sou aceito através de Cristo, portanto, eu obedeço". Assim, o evangelho difere tanto da irreligião quanto da religião. Pode-se procurar ser seu próprio "senhor e salvador" quebrando a lei de Deus, mas também é possível fazê-lo ao guardar a lei a fim de ganhar a salvação.

A falta de religião e o secularismo tendem a inflar a autoestima acrítica que estimula somente a si mesmo; a religião e o moralismo esmagam as pessoas sob culpa de padrões éticos impossíveis de se manter. O evangelho, porém, nos humilha e afirma simultaneamente, pois em Cristo, cada um de nós é, ao mesmo tempo, justo enquanto ainda pecador. Ao mesmo tempo, somos mais defeituosos e pecadores que ousávamos crer, no entanto, somos mais amados e aceitos do que ousávamos esperar.

O secularismo tende a tornar as pessoas egoístas e individualistas. A religião e moralidade em geral tendem a fazer as pessoas com atitudes tribais e de autojustiça para com outros e grupos de autojustiça (já que sua salvação foi ganha, pensam eles, por seu merecimento próprio). Mas o evangelho da graça, centrado em um homem que morreu por nós enquanto éramos ainda inimigos, remove a autojustiça e o egoísmo, transformando os seus membros em servos uns dos outros, tanto para o desenvolvimento temporal de todas as pessoas, especialmente os pobres, quanto para sua salvação. Motiva-nos a servir ao próximo sem levar em conta seus méritos, assim como Cristo nos serviu (Marcos 10.45).

O secularismo e a religião conformam as pessoas a normas comportamentais pelo medo (das consequências) e orgulho (desejo de engrandecimento de si mesmo). O evangelho move as pessoas a santidade e serviço devido a feliz gratidão por sua gra-

ça, e de amor pela glória de Deus por quem ele é em si mesmo.

V – O QUE É UM MINISTÉRIO CENTRADO NO EVANGELHO?

É caracterizado por:

1. Culto corporativo poderoso

O evangelho transforma nosso relacionamento com Deus da hostilidade ou complacência como de escravo para uma relação de alegria e intimidade. O cerne dinâmico do ministério centrado no evangelho é, portanto, adoração e fervente oração. No culto corporativo, o povo de Deus recebe a visão especial e transformadora de vida do valor e da beleza de Deus, e retribui a Deus expressões certas de seu valor. No coração do culto de adoração corporativo está o ministério da Palavra. A pregação deverá ser expositiva (explicando o texto da Escritura) e centrada em Cristo (expondo todos os temas bíblicos como tendo seu clímax em Cristo e sua obra de salvação). Porém, seu alvo final não é simplesmente o ensino, como também conduzir os ouvintes à adoração, individual e corporativa, que fortalece seu ser interior a fim de fazer a vontade de Deus.

2. Efetividade evangelística

Porque o evangelho (diferente do moralismo religioso) produz pessoas que não desdenham daqueles que discordam delas, uma igreja verdadeiramente centrada no evangelho deverá estar cheia de membros que atraem as esperanças e aspirações das pessoas com Cristo e sua obra salvadora. Temos uma visão por uma igreja que vê conversões de ricos e pobres, pessoas da alta cultura e menos cultas, homens e mulheres, velhos e jovens, casados e solteiros, de todas as raças. Esperamos atrair gente altamente secularizada e pós-moderna, como também pessoas religiosas e tradicionais. Devido a atratividade da sua comunidade e a humildade de seu povo, uma igreja centrada no evangelho

deverá encontrar em seu meio pessoas que estejam examinando e procurando entender o cristianismo. Deverá dar boas-vindas com centenas de maneiras. Fará pouco para torná-las "confortáveis", mas muito para tornar a mensagem entendível. Além de tudo isso, igrejas centradas no evangelho terão tendência à plantação de igrejas como um dos mais efetivos meios de evangelismo que existem.

3. Comunidade contracultural

Porque o evangelho remove tanto o medo quanto o orgulho, as pessoas deverão se dar bem dentro da igreja, mesmo as que jamais tenham se relacionado bem fora dela. Como ela aponta-nos um homem que morreu por seus inimigos, o evangelho cria relacionamentos de serviço em vez daqueles de egoísmo. Porque o evangelho nos conclama à santidade, o povo de Deus vive em amáveis laços de mútua responsabilidade e disciplina. Assim, o evangelho cria uma comunidade humana radicalmente diferente de qualquer sociedade ao seu redor. Com respeito ao sexo, a igreja deve evitar tanto a idolatria do sexo da sociedade secular quanto o temor do sexo da sociedade tradicional. E uma comunidade que ama, cuida de modo prático dos seus membros, a ponto de fazer sentido a castidade bíblica. Ensina seus membros a conformar seu ser corporal ao formato do evangelho — abstinência fora do casamento heterossexual e fidelidade e alegria dentro dele. Quanto à família, a igreja devera afirmar a benesse do casamento entre um homem e uma mulher, chamando-os a servir a Deus ao refletirem sua aliança de amor em lealdade para toda a vida, e por ensinar seus caminhos aos seus filhos. Mas ela também afirma o bem de servir a Cristo como solteiro, quer por algum tempo, quer por toda a vida. Uma igreja deverá cercar todas as pessoas que sofrem pela condição caída de nossa sexualidade humana com uma comunidade e família cheia de compaixão. Quanto ao dinheiro, os membros da igreja deverão se envolver em compartilhamento econômico radical uns com os outros — para que não haja "necessitados entre eles" (Atos 4.34). Esse compartilhamento também promo-

ve um compromisso radicalmente generoso do tempo, dinheiro, relacionamentos e espaço de vivência para com a justiça social e as necessidades do pobre, dos oprimidos, do imigrante, e dos econômica e fisicamente fracos. Quanto ao poder, a igreja é visivelmente leal ao compartilhamento do poder e construção dos relacionamentos entre as raças, classes e gerações que estão alienadas, de fora do Corpo de Cristo. A evidência prática disso está em que nossas igrejas locais cada vez mais dão boas-vindas a pessoas de todas as raças e culturas. Cada igreja deve procurar refletir a diversidade de sua comunidade geográfica local, tanto na congregação como um todo quanto em sua liderança.

4. A integração de fé e obras

As boas novas da Bíblia não são apenas de perdão individual como também da renovação de toda a criação. Deus colocou a humanidade no jardim para cultivar o mundo material para sua própria glória e para o vicejar da natureza e da comunidade humana. O Espírito de Deus não somente converte os indivíduos (cf. João 16.8) como também renova e cultiva a face da terra (ver, por exemplo, Gn 1.2; Sl 104.30). Portanto, os cristãos glorificam a Deus não apenas pelo ministério da Palavra, como também pelas suas vocações de agricultura, artes, empreendimentos, governo, estudo acadêmico — tudo para a glória de Deus e o fomento do bem público. Cristãos em demasia aprenderam a separar sua fé/crença do modo como trabalham em sua vocação. O evangelho é visto como meio de encontrar paz individual e não como fundamento de uma cosmovisão — uma interpretação compreensiva da realidade que afeta tudo que fazemos. Porém, nós temos uma visão de igreja que equipa seu povo a pensar sobre as implicações do evangelho quanto a nossa ação como carpinteiros, bombeiros, no processamento de dados, enfermagem, nas artes, como empresários, no governo, jornalismo, entretenimento e na academia. Uma igreja assim não apenas apoiará o envolvimento dos cristãos com a cultura, como também os ajudará a trabalhar com distinção, excelência e responsabilidade em suas atividades e profissões. O desenvol-

vimento de ambientes humanitários ao mesmo tempo de criatividade e excelência empresarial, a partir de nosso entendimento do evangelho, faz parte da obra de trazer uma medida de cura à criação de Deus no poder do Espírito. Trazer alegria cristã, esperança e verdade à realidade das artes também faz parte desse trabalho. Fazemos tudo isso porque o evangelho de Deus nos conduz a isso, ainda que reconheçamos que a restauração final de todas as coisas aguarda a volta pessoal e corporal de nosso Senhor Jesus Cristo [DC– (7)].

5. Atos de justiça e misericórdia

Deus criou alma e corpo, e a ressurreição de Jesus mostra que ele redimirá tanto o espiritual quanto o material. Assim, Deus trata não apenas da salvação de almas como também do alívio da pobreza, fome e injustiça. O evangelho abre nossos olhos ao fato de que todos os nossos bens (até mesmo riqueza pela qual trabalhamos duramente) é, afinal, um dom de Deus que não merecemos. Portanto, a pessoa que não distribui seus bens com generosidade aos outros não somente é faltosa em compaixão como também é injusta. O cristão ganhou a salvação pela perda, atinge o poder mediante fraqueza e serviço, e vem a ser rico mediante distribuir tudo. Os que recebem sua salvação não são os fortes, cheios de realizações, mas aqueles que admitem ser fracos e perdidos. Não podemos olhar o pobre e oprimido e chamá-los insensivelmente a sair de suas próprias dificuldades. Não foi assim que Jesus nos tratou. O evangelho substitui a superioridade para com o pobre com misericórdia e compaixão. Igrejas cristãs têm de trabalhar em prol da justiça e paz em sua vizinhança, mediante serviço, enquanto conclamam as pessoas à conversão e ao novo nascimento. Temos de trabalhar pelo bem comum e eterno, mostrando ao próximo que o amamos de maneira sacrificial, quer ele creia como nós quer não creia. A indiferença para com os pobres e destituídos significa que não houve verdadeiro entendimento de nossa salvação unicamente pela graça.

CONCLUSÃO

O ministério que delineamos é relativamente raro. Existem muitas igrejas que se dirigem aos "interessados" que ajudam muitas pessoas a encontrar Cristo. Há muitas igrejas buscando envolver a cultura mediante o ativismo político. Existe um movimento carismático que cresce rapidamente, com ênfase no culto de adoração glorioso, apaixonado, corporativo. Há muitas congregações com forte preocupação por rigor e pureza doutrinária e que se esforçam muito para manter uma separação do mundo. Há muitas igrejas com compromisso radical para com os pobres e marginalizados.

Porém, não vemos suficientes igrejas individuais que incorporem o equilíbrio evangélico pleno, integral, que aqui delineamos. Enquanto, pela graça de Deus, há um número encorajador de sinais brilhantes na igreja, ainda não percebemos nenhum movimento amplo deste ministério centrado no evangelho. Nós acreditamos que tal equilíbrio produzirá igrejas com pregação cativante e teologicamente substancial, evangelização dinâmica e apologética, além do crescimento e plantação de igrejas. Elas enfatizarão arrependimento, renovação pessoal e santidade de vida. Ao mesmo tempo, e nas mesmas congregações, haverá um engajamento com as estruturas sociais das pessoas comuns e envolvimento cultural com as artes, empreendimentos, estudos e ensino acadêmicos, e governo. Haverá chamados para um cristianismo radical em que todos os membros da comunidade compartilhem suas riquezas e recursos com os pobres e marginalizados. Tais prioridades também serão combinadas e fortalecerão mutuamente umas às outras em cada igreja local.

O que poderia conduzir a um movimento crescente de igrejas centradas no evangelho? A resposta última é que Deus, para sua própria glória, tem de enviar um reavivamento como resposta à oração fervorosa, extraordinária, prevalecedora de seu povo. Mas cremos que existem passos penúltimos a tomar. Há uma grande esperança se pudermos nos unir quanto à natureza da verdade, como ler melhor a Bíblia, sobre nosso relacionamento com a cultura, sobre o conteúdo do evangelho e a natureza do

ministério centrado no evangelho. Cremos que tal compromisso nos impelirá novamente à Escritura, ao Cristo da Escritura, ao evangelho de Cristo, e nós começaremos a crescer em nossa habilidade, pela graça de Deus, como igrejas, a "proceder corretamente segundo a verdade do evangelho" (Gálatas 2.14). Estamos envergonhados por nossos pecados e falhas, gratos além da medida pelo perdão, e ansiosos por ver novamente a glória de Deus e incorporar a conformidade com o seu Filho.

CAPITULO IV

Governança e Estrutura da Igreja

1. Forma de Governo: Presbitério Plural

Cremos, com base no Novo Testamento, que o governo da igreja deve ser exercido por um grupo de presbíteros, formando um presbitério local que atua de maneira plural. Encontramos respaldo bíblico para esta forma de governo em passagens como Atos 14.23, onde está escrito: "... e promovendo-lhes em cada igreja a eleição de presbíteros...". Também em Atos 20.17, lemos sobre Paulo convocando os presbíteros da igreja de Éfeso: "...de Mileto mandou a Éfeso chamar os presbíteros da igreja".

Portanto, os pastores e presbíteros são responsáveis pelo ensino na comunidade local, sendo a aptidão para ensinar um pré-requisito essencial para esses ofícios. É importante ressaltar que, segundo nossa compreensão, todo presbítero é também pastor, mas nem todo pastor é presbítero. Em outras palavras, nem todo pastor ocupa uma posição de governo em nossa comunidade. No entanto, todo presbítero, que naturalmente exerce uma função de liderança, também é pastor.

Entendemos dessa forma porque acreditamos que pastores e presbíteros representam ofícios distintos na igreja. Dentro dessa estrutura, os presbíteros são incumbidos de dirigir a igreja, conforme era praticado no contexto neotestamentário.

2. Diáconos

A palavra diácono é derivada do grego diákonos, que significa "servo" em contextos não eclesiásticos. Assim como os presbíteros, os diáconos devem atender a qualificações específicas para exercerem seu serviço, conforme descrito em 1Timóteo 3.

No entanto, é importante destacar que, diferentemente dos presbíteros, os diáconos não possuem responsabilidade de governar a igreja nem de ensinar a sã doutrina. Os indícios apresentados no Novo Testamento indicam que os diáconos eram

designados para servir a igreja de diversas maneiras, incluindo responsabilidades administrativas, cuidado com as finanças, atendimento às necessidades físicas dos membros da igreja e de outros que necessitassem de auxílio. Além disso, é provável que também realizassem visitas às casas de irmãos para aconselhamento e apoio pastoral.

Dessa forma, entendemos que a função dos diáconos em nossa comunidade de fé é servir principalmente em áreas administrativas, permitindo que os presbíteros se dediquem integralmente ao ensino e à pregação da Palavra.

CAPITULO V

Vida Cristã

1. Vida em Comunidade

Valorizamos profundamente a vida em comunidade como uma expressão essencial de nossa fé.

Importância da comunhão

Cremos que o crescimento espiritual ocorre de forma mais rica no contexto de relacionamentos próximos com outros crentes. Esses relacionamentos devem ser marcados pela mutualidade, onde cada irmão é edificado pelo "Cristo que há no outro". Partimos da premissa da Santa Trindade, na qual Pai, Filho e Espírito Santo formam uma eterna comunidade de perfeito amor, em que honra e amor mútuos são constantemente compartilhados. De modo semelhante, buscamos cultivar esse tipo de relacionamento em nossa igreja local, desejando colher os frutos dessa comunhão. Nosso objetivo é nos alegrar com os que se alegram e chorar com os que choram, conforme o mandamento das Escrituras.

Grupos pequenos e discipulado

Encorajamos todos os membros a participarem de grupos pequenos dedicados ao estudo bíblico, à oração e ao apoio mútuo. Além disso, cremos que o discipulado acontece quando um irmão mais maduro caminha de perto com outro menos maduro na fé, ajudando-o a imitar a Cristo, conforme Paulo ensina: "Sejam meus imitadores, como também eu sou de Cristo" (1Co 11.1).

Esse discipulado não se limita a encontros formais ou horários fixos para discussões e lições. Ele pode ocorrer de forma orgânica e natural, fluindo do relacionamento genuíno entre os irmãos, sem necessidade de momentos predeterminados para isso.

2. Submissão à Igreja Local

O papel da liderança

Nossa igreja é liderada por um grupo de presbíteros que compartilham a responsabilidade pastoral e de ensino. Por ofício, esses presbíteros possuem uma posição de governo, estando encarregados de dirigir a congregação local. Além disso, têm a tarefa de examinar constantemente todo "vento de doutrina" (Ef 4.14), reconhecendo falsos ensinos, alertando a igreja e protegendo o rebanho contra perigos espirituais (Hb 13.17).

Cremos que uma liderança espiritual forte tende a produzir uma igreja estável, unida e saudável, refletindo a ordem e a proteção desejadas por Deus para o Seu povo.

Responsabilidades dos membros

Esperamos que os membros participem regularmente dos cultos, sirvam com seus dons, e contribuam financeiramente para o sustento e expansão do ministério da igreja.

Disciplina

Com base nos ensinos de Jesus, em Mateus 18, e de Paulo, em 1 Coríntios 5 e Gálatas 6, entendemos que uma das funções da igreja local é traçar limites claros, o que pode incluir a exclusão de membros que persistentemente se mostram indispostos a viver sob a submissão à Palavra de Deus. A disciplina, embora difícil, é um ato de amor que visa proteger a pureza da igreja e restaurar aqueles que se desviaram.

A membresia da igreja é o traço na terra, uma linha limítrofe, um muro ao redor da cidade. É a lista de nomes. É uma forma institucional de declarar: "As pessoas desta lista são as de dentro. Todos os demais são os de fora." A membresia da igreja, sem dúvida alguma, é exclusivista.
A disciplina da igreja, então, é o mecanismo utilizado para impor essa prática exclusivista, é a caneta que escreve alguns nomes na lista e risca outros. Ela é o oficial de justiça que despeja o embusteiro. A membresia e a disciplina da igreja são os dois lados de uma mesma moeda. Este livro não só examinará as práticas de membresia e disciplina da igreja, como também argumentará que Deus tenciona usar essas mesmas estruturas para ajudar a definir seu amor para com o mundo que nos observa. Apenas para ser claro, isso significa que essas estruturas advogam em favor dessas práticas exclusivistas (Jonathan Leeman, A Igreja e a Surpreendente Ofensa do Amor de Deus: Reintroduzindo as Doutrinas sobre a Membresia e a Disciplina da Igreja, ed. Tiago J. Santos Filho, trans. Waleria Coicev, Primeira Edição. (São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2013), 34.)

3. Práticas dentro da Aliança

Práticas e compromissos dentro da aliança com a igreja e os demais membros

Quando nos unimos a uma igreja local, assumimos um compromisso profundo com a comunidade de fé. Pedimos aos nossos irmãos e irmãs que caminhem conosco, ajudando-nos a viver de maneira coerente com o que professamos com nossos lábios. Esse compromisso inclui encorajamento mútuo, seja através de palavras que nos recordam as evidências da graça de Deus em nossas vidas, seja por meio de exortações amorosas quando nos afastamos da obediência ao Senhor. A membresia implica também o testemunho público da congregação, que reconhece em nossa vida os frutos da regeneração operada pelo Espírito Santo.

Embora a membresia não conceda salvação, ela reflete a salvação que já recebemos. E, se não há reflexo, como podemos afirmar com segurança a realidade da fé que alguém declara?

Tornar-se membro de uma igreja significa investir em relacionamentos intencionais, onde somos conhecidos e conhecemos os outros, de modo a compartilhar cargas, alegrar-nos juntos e exortar-nos mutuamente. Esse vínculo nos ajuda a alinhar nossas palavras e ações àquilo que cremos e proclamamos, edificando-nos como corpo de Cristo. Unir-nos a uma igreja ajuda-nos a confrontar o individualismo e a compreender a natureza corporativa do cristianismo. Quando você estuda o Novo Testamento, descobre que a vida cristã deve envolver cuidado e interesse mútuos. Isto é uma parte do que significa ser um cristão. E, embora o façamos com imperfeição, devemos ser comprometidos em fazê-lo. Desejamos estimular até os primeiros passos na justiça, no amor, no altruísmo e na semelhança com Cristo.

4. Testemunho Público

A vida cristã como testemunho do Evangelho no cotidiano

O texto de Hebreus 12 é enfático ao afirmar que somos rodeados por uma "nuvem de testemunhas" e, por isso, devemos nos livrar de todo peso e pecado e correr com perseverança a carreira que nos é proposta. Assim, cremos que nossa conduta como cristãos deve revelar, de maneira constante, o Evangelho em que cremos em todos os aspectos da vida cotidiana, pois somos observados por todo tipo de pessoas a todo momento.

Também somos chamados a manifestar a fragrância do conhecimento de Cristo em todos os lugares (2Co 2.14). Afirmamos veementemente que devemos viver para a glória de Deus em todos os âmbitos de nossa vida, manifestando os atributos do Reino de Deus nas mais variadas formas. Queremos ser as "cartas de Cristo" mencionadas por Paulo em 2 Coríntios 3.3, testemunhando com nossas vidas a realidade do Evangelho.

Conduta no trabalho, família e sociedade

Com base nos escritos de Paulo em 1 Coríntios 10.31 ("... se vocês comem, bebem ou fazem qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus"), entendemos que nossa vida deve ser vivida integralmente para a glória de Deus. Isso inclui nossa conduta no trabalho, nas relações familiares e na sociedade em que estamos inseridos.

Reconhecemos que o trabalho, como todas as demais atividades humanas, foi afetado pela queda e pode se tornar desanimador. Contudo, ao compreender que cada tarefa, por mais simples que pareça — seja lavar louças ou trocar fraldas —, é realizada para o Senhor, atribuímos um propósito mais profundo a essas ações. Como Paulo declara em Colossenses 3.23-24: "Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens, cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da herança. A Cristo, o Senhor, é que estais

servindo."

William Perkins também nos lembra que "o ministério pastoral é tão importante para Deus quanto o juiz que deve dar uma sentença justa e íntegra." Assim, qualquer vocação deve ser vista como um chamado a glorificar a Deus.

Na família, reconhecemos que nem todos foram criados em lares cristãos, mas entendemos que o lar é um campo missionário importante, embora desafiador. Nosso compromisso primário é com o senhorio de Cristo, que precede até mesmo a honra devida aos nossos pais terrenos. Isso não significa desrespeitá-los, pois as Escrituras são claras quanto à honra que lhes é devida. Contudo, Cristo, que nos comprou com Seu sangue, deve ser o centro de nossa lealdade.

Incentivamos os membros a darem bom testemunho dentro de seus lares, usando sabedoria em suas relações, amando e honrando seus familiares, suportando provações com paciência e mantendo-se constantes em oração por si mesmos e por seus entes queridos.

No contexto social, afirmamos a necessidade de sermos defensores da fé (apologetas), respondendo à disseminação de valores anticristãos na sociedade. Alan Jacobs chama isso de "contra-catequese", que consiste em ensinar os discípulos a crerem na verdade e a viverem em resposta a ela. Também encorajamos os membros a lidarem bem com o sofrimento, perseguições e a prática de "dar a outra face", fazendo isso com alegria e sem ressentimentos.

Por fim, buscamos viver com humildade corajosa, defendendo a verdade em amor e evitando o orgulho ou a arrogância. Desejamos manter um bom testemunho em todas as áreas da vida — como pais, mães, cônjuges, trabalhadores e cidadãos —, vivendo de modo digno do Senhor e confirmando nossa eleição pela conduta.

Visão Bíblica sobre Namoro e Pureza Sexual

Cremos que o namoro cristão deve ser um período intencio-

nal de relacionamento entre um homem e uma mulher, com o propósito específico de conduzir ao matrimônio. Esse relacionamento deve ser conduzido com sabedoria, santidade e em prestação de contas à comunidade de fé. Essa abordagem evita relacionamentos sem direção, promovendo um compromisso consciente e duradouro.

Afirmamos que o namoro deve ser caracterizado pela pureza sexual e emocional, rejeitando expressamente qualquer forma de intimidade sexual antes do casamento. Cremos que a sexualidade é um dom divino, reservado exclusivamente para a união matrimonial. O namoro cristão é chamado a resistir às pressões culturais que banalizam a pureza, mantendo limites físicos claros e respeitando a santidade do corpo como templo do Espírito Santo, conforme ensinado em 1 Coríntios 6:19-20.

Além disso, sustentamos que o namoro deve estar sob autoridade espiritual, envolvendo a supervisão dos pais, pastores e líderes espirituais maduros. Esse acompanhamento oferece proteção, edificação e prestação de contas ao casal. Enfatizamos que o melhor cenário para um relacionamento saudável é quando ele está inserido no contexto da igreja local e é acompanhado pastoralmente. Essa supervisão ajuda a prevenir a independência excessiva do casal, oferecendo suporte, conselhos e oração, promovendo um ambiente seguro para o desenvolvimento do relacionamento.

Limites Práticos no Namoro Cristão

1. Limites Físicos: Encorajamos a adoção de limites claros que evitem situações comprometedoras ou que possam levar à tentação. Isso inclui evitar circunstâncias que comprometam o testemunho cristão.

2. Desenvolvimento Espiritual: Durante o namoro, o casal deve priorizar o crescimento espiritual mútuo por meio da oração, estudo bíblico, participação ativa na igreja e cultivo de uma cosmovisão cristã sobre o casamento.

3. Propósito Matrimonial: O namoro cristão deve ter o matrimônio como horizonte claro, diferenciando-se de relacionamentos casuais ou recreativos. Esse período deve ser utilizado para:

- Desenvolver boa comunicação.
- Avaliar compatibilidades espirituais, emocionais e práticas.
- Conhecer as famílias e construir uma base sólida para o possível casamento.

Práticas Incompatíveis com o Namoro Cristão:

Rejeitamos as seguintes práticas como contrárias à visão bíblica para o namoro:

- Relacionamentos casuais sem propósito matrimonial.
- Intimidade sexual antes do casamento.
- Coabitação antes do casamento.
- Namoro entre crentes e não-crentes.
- Relacionamentos ocultos ou sem prestação de contas.
- Atitudes que comprometam o testemunho cristão.

Como declara a Escritura: "Não vos conformeis com este século" (Romanos 12:2) e "Abstenhai-vos de toda forma de mal" (1 Tessalonicenses 5:22). Nosso desejo é que o namoro cristão glorifique a Deus, edifique a igreja e seja um testemunho do Evangelho.

Diretrizes para Relacionamentos Saudáveis no Contexto Cristão

Afirmamos categoricamente que a comunhão entre os irmãos é essencial e que, dentro desse ambiente de unidade, os relacionamentos cristãos devem ser edificados. Acreditamos que a maneira mais saudável de estabelecer esses vínculos é baseada no modelo de amor, exaltação e submissão mútua que existe dentro da Santa Trindade. Desde a eternidade, o Pai, o Filho

e o Espírito Santo têm se relacionado em perfeita harmonia, e é nessa relação divina que encontramos o padrão para nossos relacionamentos.

Cremos que a submissão uns aos outros e a humildade devem permear os corações dos irmãos e ser incentivadas continuamente. Assim, os relacionamentos na comunidade são estabelecidos de forma sólida e saudável. Nosso desejo é trabalhar arduamente para que o medo não encontre espaço entre nós, pois sabemos que "no amor não há medo; ao contrário, o perfeito amor lança fora o medo" (1 João 4:18). Como o teólogo Art Katz afirma, "o medo inibe a expressão do amor".

Reconhecemos que o amor cristão nos torna vulneráveis, pois nos expõe a situações dolorosas, desapontamentos e mal-entendidos. Ainda assim, desejamos viver um estilo de vida caracterizado pela vulnerabilidade, sem máscaras, hipocrisia ou falsidade, sendo sinceros sobre quem somos e quem Deus nos chamou para ser. Isso inclui estarmos dispostos a sermos corrigidos, exortados, consolados e encorajados, sempre em amor. Mais uma vez, Art Katz nos lembra que "o medo inibe o amor e pode ser o maior agente da falta de evidência do amor de Deus em nosso meio".

Nosso medo da rejeição, muitas vezes, nos torna receosos e defensivos, impedindo que o amor de Deus se manifeste plenamente entre nós. Por isso, encorajamos fortemente a prática do perdão e a busca pela restauração dos relacionamentos quando surgirem conflitos ou desentendimentos. O perdão é uma evidência do fruto do Espírito em nossas vidas e obedece ao mandamento de Jesus de "perdoar aos que nos têm ofendido", sendo um perdão ilimitado, como Ele ensinou: "setenta vezes sete" (Mateus 18:22).

Cremos, por fim, que o mundo reconhecerá que somos discípulos de Jesus quando vivermos em unidade, amando-nos uns aos outros com entranhável afeição. Nosso modelo de amor não é outro senão o amor de Deus, que nos chama a uma relação duradoura, fiel e sacrificial. Qualquer amor que fuja desse padrão é frágil, efêmero e passageiro.

Que nossos relacionamentos, baseados no amor divino, refli-

tam a glória de Deus e evidenciem ao mundo que somos um em Cristo.

Nossa Visão sobre o Consumo de Álcool: Liberdade Cristã e Responsabilidade

Afirmamos que as Escrituras não estabelecem uma proibição absoluta quanto ao consumo de bebidas alcoólicas. Pelo contrário, diversos textos bíblicos retratam o vinho como uma dádiva divina, associado à alegria e celebração. Um exemplo notável está no evangelho de João, onde Jesus realiza seu primeiro milagre, transformando água em vinho nas bodas de Caná, um casamento repleto de festividade e júbilo (João 2:1-11).

No entanto, essa liberdade cristã deve ser exercida com responsabilidade e prudência, sempre alinhada aos princípios da sobriedade e da santidade. A Palavra de Deus condena expressamente a embriaguez, como em Efésios 5:18: "E não vos embriagueis com vinho, no qual há devassidão, mas enchei-vos do Espírito." A embriaguez compromete nosso testemunho e nos desvia da plenitude do Espírito Santo.

Vivemos em uma cultura marcada pela queda moral, onde o consumo de álcool muitas vezes se associa a comportamentos condenáveis, como excessos, violência, acidentes e outros pecados. Reconhecendo essa realidade, incentivamos que o consumo de bebida alcoólica ocorra apenas em ocasiões apropriadas, em ambientes seguros e, preferencialmente, na companhia de irmãos maduros na fé. Essa postura visa preservar tanto a integridade pessoal quanto o testemunho cristão, além de evitar armadilhas que possam levar à tentação ou ao escândalo.

Três Princípios Bíblicos Fundamentais sobre o Consumo de Álcool

1. **Reconhecer o vinho como uma dádiva divina:** O vinho, como toda boa dádiva de Deus, deve ser recebido com gratidão e alegria (Salmos 104:14-15).

2. Receber o vinho com moderação: A moderação é o limite dado por Deus para o uso saudável dessa dádiva, protegendo-nos dos perigos do excesso (Provérbios 20:1).

3. Comprometer-se com a sobriedade: A sobriedade é essencial para refletirmos o caráter de Cristo e cuidarmos de nosso testemunho perante o mundo (Tito 2:11-12).

Como comunidade, buscamos evitar atitudes que causem escândalo ou enfraqueçam a fé de irmãos que não compartilham dessa liberdade (Romanos 14:21). Contudo, rejeitamos a imposição de regras onde a Bíblia nos concede liberdade. O teólogo R. C. Sproul adverte: "Quando uma pessoa com um escrúpulo tenta fazer do seu escrúpulo a regra da igreja, ela não deve ser autorizada a forçar uma lei onde Deus nos tornou livres."

Defendemos que o proibicionismo, embora bem-intencionado, é uma solução superficial para o problema da embriaguez. O verdadeiro caminho é a prática da sobriedade, da moderação e do domínio próprio, frutos do Espírito que glorificam a Deus e edificam a comunidade da fé (Gálatas 5:22-23).

Que sejamos conhecidos como um povo que, em tudo, busca refletir o equilíbrio e a graça de Cristo, utilizando nossa liberdade para a glória de Deus e o bem de nossos irmãos.

CAPITULO VI

Dízimos e Ofertas

Nossa Visão

Acreditamos que o apoio financeiro à igreja local é uma expressão de obediência, generosidade e gratidão a Deus. Essa prática é fundamentada nas Escrituras, que nos ensinam a contribuir com dízimos e ofertas, ajudar os necessitados e sustentar os presbíteros que pregam o Evangelho.

Baseamo-nos em textos como:

- "Compartilhai as necessidades dos santos; praticai a hospitalidade." (Romanos 12:13)

- "O que é instruído na palavra reparta de todos os seus bens com aquele que o instrui." (Gálatas 6:6)

- "Digno é o trabalhador do seu salário." (Lucas 10:7)

Reconhecemos que os dízimos e ofertas são mais do que uma obrigação; são um ato de fé e adoração. Eles nos lembram que tudo o que temos vem de Deus e que somos chamados a administrar esses recursos para Sua glória.

Fé e Generosidade

Contribuir financeiramente com a igreja não deve ser apenas um ato de obrigação, mas uma expressão de fé. Acreditamos que a generosidade habilita os cristãos a administrarem com sabedoria os recursos que Deus lhes confia. Concordamos com Tim Keller ao tratar da polêmica em torno do assunto "dízimo", Ele diz: Houve momentos em que as pessoas vieram a mim, sendo eu o pastor, e me perguntaram sobre o "dízimo" ou seja, sobre dar um décimo da renda anual. Elas notaram que no Antigo Testamento existem muitas ordens claras de que os crentes deviam doar 10%, mas pedidos de doação quantitativamente específicos aparecem menos no Novo Testamento. As pessoas muitas vezes me perguntam:

"Você acha que hoje, sob o Novo Testamento, os fiéis são obrigados a dar 10%?" Eu balanço a cabeça em negação, e eles suspiram aliviados. Mas então eu acrescento rapidamente: "Vou lhe dizer por que você não vê a exigência do dízimo claramente expressa no Novo Testamento. Pense. Recebemos mais da revelação, verdade e graça de Deus que os fiéis do Antigo Testamento, ou menos?" Normalmente há um silêncio desconfortável. "Somos mais devedores da graça que eles, ou menos? Jesus deu 10% de sua vida e seu sangue para nos salvar, ou nos deu tudo?" Dar o dízimo é um padrão mínimo para os féis cristãos. Nós certamente não quereríamos estar em uma posição em que damos menos de nossa renda que aqueles que tiveram muito menor compreensão do que Deus fez para salvá-los.
- (Timothy Keller - Deuses Falsos).

Rejeitamos os excessos da teologia da prosperidade, mas reconhecemos que a Bíblia ensina que a generosidade é uma bênção, tanto para quem dá quanto para quem recebe (2 Coríntios 9:6-7).

Propósito das Contribuições

O apoio financeiro à igreja é direcionado para:

- Sustento do ministério, incluindo estrutura e presbíteros integrais.
- Apoio aos necessitados.
- Expansão do Evangelho e das atividades missionárias.

Implicações Práticas

- Encorajamos nossos membros a praticarem a generosidade com regularidade, começando com o dízimo como um padrão básico.

• Incentivamos a doação alegre e voluntária, como ensina 2 Coríntios 9:7: “Deus ama a quem dá com alegria.”

• Valorizamos a prestação de contas transparente sobre o uso dos recursos da igreja.

CAPITULO VII

Compromisso e próximos passos

1. O que Significa Ser Membro

Ser membro da Comunidade Manifesto é mais do que uma adesão formal; é assumir um compromisso de vida com Cristo e Sua igreja. Isso envolve:

- **Compromisso com a visão e missão da igreja:** Caminhar conosco na proclamação do Evangelho e na edificação do Reino de Deus.

- **Participação ativa na vida da comunidade:** Estar presente nas reuniões, cultivar relacionamentos e servir uns aos outros.

- **Uso dos dons espirituais para edificação do corpo:** Contribuir com seus talentos e habilidades para fortalecer a igreja.

- **Apoio financeiro ao ministério da igreja:** Sustentar as iniciativas e responsabilidades da igreja com generosidade.

- **Generosidade como parte da vida em aliança:** Ser um reflexo da graça de Deus através de ações altruístas.

- **Submissão à liderança espiritual:** Reconhecer e respeitar os líderes designados por Deus para cuidar da igreja.

2. Processo de Integração

Para se tornar membro da Comunidade Manifesto, siga os passos abaixo:

1. **Leia este livreto cuidadosamente:** Entenda

nossos valores, crenças e compromissos.

2. Tenha uma entrevista com um dos presbíteros: Um momento para compartilhar sua história, esclarecer dúvidas e alinhar expectativas.

3. Assine o pacto de membresia: Formalize seu compromisso com Deus e com a igreja.

4. Seja apresentado à congregação: Celebremos juntos sua decisão de fazer parte da nossa família em Cristo.

CAPITULO VIII

Conclusão

Conclusão

Agradecemos por seu interesse em conhecer mais sobre a Comunidade Manifesto. Oramos para que Deus ilumine sua decisão e que, juntos, possamos caminhar na fé, viver em comunidade e cumprir a missão que o Senhor nos confiou.

Para mais informações ou dúvidas, estamos à disposição:

www.comunidademanifesto.com
contato@comunidademanifesto.com
Rua Menezes Brum, 71 - Guadalupe, Rio de Janeiro - RJ

APÊNDICE A

Nossa visão Escatológica

Nossa Visão Escatológica

Pré-Milenismo Histórico e Pós-Tribulacionismo

Na Comunidade Manifesto, seguimos o entendimento do Pré-Milenismo Histórico, uma perspectiva escatológica que reconhece a segunda vinda de Cristo como um evento literal, visível e futuro que ocorrerá antes do estabelecimento de Seu reino milenar na terra. Sustentamos também a visão Pós-Tribulacionista, que entende que a igreja passará pela grande tribulação antes de ser arrebatada ao encontro do Senhor.

Fundamentação Bíblica

Cremos que essa posição é biblicamente fundamentada em passagens como Mateus 24:29-31, que descreve o retorno de Cristo após a tribulação, e Apocalipse 20:1-6, que menciona o reino milenar como um período literal de mil anos. Nosso compromisso com essa interpretação nos leva a buscar uma compreensão fiel das Escrituras, mantendo a esperança na promessa do retorno triunfante de Cristo.

- **George Eldon Ladd**, um dos principais defensores do Pré-Milenismo Histórico, afirmou: "O reino de Deus está presente agora, mas será plenamente consumado somente com a segunda vinda de Cristo, quando Ele julgará os vivos e os mortos e inaugurará Seu reino milenar."
- **Charles Spurgeon**, pregador reformado e simpatizante da visão pré-milenista, disse: "Jesus reinará onde quer que o sol brilhe, mas antes disso, Ele virá para reinar pessoalmente sobre a terra."
- J. Barton Payne, outro teólogo que adotava essa posição, escreveu: "O reino milenar é a consumação das promessas feitas aos patriarcas, agora visíveis no reinado pessoal de Cristo."
- **Millard Erickson**, ao defender a posição de um Rei-

> no Milenar literal de mil anos em sua Teologia Sistemática, o teólogo escreveu: "Os problemas são amplos e complexos, mas uma análise detida pode reduzi-lo a relativamente poucos. O que se deve fazer em tais situações é encontrar a concepção que abrigue menos dificuldades que as outras."

Implicações Práticas

Essa visão nos convida a viver com esperança e perseverança. A expectativa do retorno de Cristo após tempos de grande sofrimento nos motiva a sermos firmes na fé, sabendo que Ele triunfará e estabelecerá um reino de paz e justiça.

"O propósito das verdades escatológicas na Palavra de Deus é nos consolar e nos dar segurança."- **Millard Erickson**

Nossa escatologia não é apenas um estudo sobre o futuro, mas uma chamada para vivermos hoje à luz do reinado vindouro de Cristo.

APÊNDICE B

Pacto de Membresia

Nosso pacto

Tendo, como cremos, sido salvos pela graça, mediante a fé em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, e tendo sido batizados, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, confiando em seu pleno chamamento que nos garante que não haverá separação do Seu amor, alegremente nos reunimos para celebrar e renovar nosso pacto uns com os outros.

Nos comprometemos em viver de maneira digna da vocação a que fomos chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando uns aos outros em amor, fazendo tudo para preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz. Procuraremos sempre nos alegrar com os que se alegram, e chorar com os que choram.

Não deixaremos de nos reunir como igreja e de orar pelos membros desta comunidade local. Nos atentaremos ao discipulado, em sempre falar a verdade em amor, e tudo o mais que for importante para a edificação. Aproveitaremos bem as oportunidades de pregar o evangelho, corrigindo, repreendendo, exortando, com toda paciência e doutrina, buscando a salvação da nossa família e amigos.

Buscaremos viver de modo digno do evangelho de Cristo, manifestando a fragrância do seu conhecimento em todos os lugares, bem como observaremos, com fidelidade bíblica, a adoração, as ordenanças, a disciplina e as doutrinas praticadas em nosso meio. Contribuiremos regular e alegremente para o sustento do ministério, para as despesas da igreja, para o socorro aos pobres e necessitados e, sobretudo, para a difusão do evangelho tanto aqui como em outras cidades e nações.

Lembraremos uns aos outros da nossa viva esperança, que não se limita apenas a esta vida, e que estamos guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para ser revelada no último tempo.

Seremos como guardas que não se calam, e clamam dia e noite, para que o Senhor se lembre das suas promessas.

Não desprezaremos a importância de Israel nos planos de Deus. Não daremos descanso, até que todos vejam a glória do Senhor, o resplendor do nosso Deus.

Segundo a promessa de Deus, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça. Que a graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus Pai e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos nós, tanto agora como no dia eterno.

Maranata!

A Declaração Confessional da Comunidade Manifesto é um convite para viver a fé cristã de forma autêntica, comprometida e profundamente enraizada na Palavra de Deus. Este documento apresenta, com clareza e amor, os fundamentos de nossa crença, nossos valores e as práticas que nos guiam como comunidade de fé.

Nossa intenção não é apenas informar, mas inspirar. Inspirar uma vida de santidade, submissão mútua, generosidade e serviço. Inspirar relacionamentos que reflitam a beleza da Trindade e um testemunho que manifeste a fragrância do conhecimento de Deus em todas as áreas da existência.

Como igreja, somos chamados a caminhar juntos, sendo luz em um mundo de trevas, sal em uma terra sem sabor e testemunhas da graça transformadora de Jesus. Nossa Declaração Confessional não é apenas um conjunto de palavras, mas um convite a uma vida de aliança, compromisso e amor ao próximo.

"...em todas as coisas, manifestem a beleza da doutrina de Deus, nosso Salvador." (Tito 2:10)

ESTD M 2019

COMUNIDADE MANIFESTO©